

Comunicar para (re)ligar: extensão universitária e diálogo das diferenças na zona de prostituição de Campinas¹

Fabiano ORMANEZE²
Ana Laura Aiko NO³

Resumo:

Como parte da sustentação do Projeto de Extensão “Estigma/Estima: Comunicação Audiovisual, Identidade e Participação Social de Adolescentes”, este trabalho apresenta uma retrospectiva histórica da relação entre projetos universitários, atuação religiosa católica e comunicação comunitária, articulada no Jardim Itatinga, zona de prostituição na cidade de Campinas (SP). Desde a década de 1990, com a instalação de uma organização não governamental (ONG), criada por religiosas da Congregação do Bom Pastor, surgem parcerias de trabalhos com a Pontifícia Universidade Católica de Campinas, que possibilitaram, por meio de projetos de extensão e, em alguns casos, de trabalhos realizados em disciplinas do curso de Jornalismo, o desenvolvimento de práticas de comunicação comunitária e/ou alternativa. A pesquisa bibliográfica nos arquivos da ONG e da universidade demonstra a existência de boletins, de livros-reportagem, sites, reportagens em vídeo e, mais recentemente, uma *fanpage*, canal no *Youtube* e webdocumentário, em produção por adolescentes do bairro. A análise demonstra uma preocupação comunicativa, mas também a dificuldade de manter os produtos por longos períodos, bem como uma relação que se estabeleceu no bairro entre a comunicação comunitária e a eclesial.

Palavras-chave: Jardim Itatinga; comunicação comunitária; grupos religiosos.

1. Introdução

Como parte das atividades do autor deste trabalho na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), no biênio 2016/2017, está sendo desenvolvido o projeto de extensão “Estigma/Estima: Comunicação Audiovisual, Identidade e Participação

¹ Trabalho apresentado na XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada na Pontifícia Universidade Católica – Campinas, 17/8/2017.

² Professor da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), com o projeto de extensão “Estigma/Estima: Comunicação Audiovisual, Identidade e Participação Social de Adolescentes” aprovado para o biênio 2016/2017. Docente das faculdades de Jornalismo e Relações Públicas. Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde fez também o mestrado. E-mail: fabiano.ormaneze@puc-campinas.edu.br.

³ Graduanda do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Bolsista no projeto de extensão “Estigma/Estima: Comunicação Audiovisual, Identidade e Participação Social de Adolescentes”, na mesma universidade. E-mail: analauraaikono@gmail.com.

Social de Adolescentes”, cujo objetivo principal é possibilitar, por meio de oficinas e acompanhamento, que jovens atendidos pela organização não governamental (ONG) Centro de Promoção para um Mundo Melhor (Cepromm) desenvolvam subsídios para a prática da comunicação comunitária e alternativa nos campos audiovisual e digital. O docente dispense 20 horas semanais a essas atividades, para a qual conta também com a coautora deste trabalho, na qualidade de bolsista. Assim, pretende-se construir, com os cerca de 25 adolescentes que participam das atividades, uma prática autônoma de comunicação que beneficie não só a ONG, mas a realidade da comunidade que carrega os estigmas de ser, desde os anos 1960, um espaço de confinamento da prostituição.

O Cepromm é uma ONG criada e dirigida por religiosas da Congregação do Bom Pastor, ligadas à Pastoral da Mulher Marginalizada (PMM). Essas freiras atuam no bairro desde o final da década de 1970, em diferentes frentes. Nesse sentido, as atividades do projeto de extensão também se encontram relacionados a uma proposta de comunicação eclesial, pois os valores difundidos e basilares devem passar, necessariamente, pelos valores cristãos, também no cerne das ações da PUC-Campinas. Antes do início das atividades, para o conhecimento da realidade, foi elaborada uma pesquisa bibliográfica nos arquivos do Cepromm e da universidade, complementada com entrevistas com as religiosas, com o objetivo de reconstruir uma linha do tempo em relação às práticas de comunicação no bairro. Os resultados são apresentados neste trabalho.

2. Jardim Itatinga: que lugar é esse?

O Jardim Itatinga foi criado pelo Poder Público, num grande projeto de “reurbanização” da cidade, conhecido como “Operação Limpeza”, na segunda administração do prefeito Ruy Novaes (1964-1969). Localizado a cerca de 10 km do Centro, a Sudoeste, foi instituído na área de uma fazenda, cuja aquisição foi feita pela Prefeitura. A região fica no entroncamento das rodovias Bandeirantes e Santos Dumont, próxima também à Anhanguera, à Dom Pedro I e ao Aeroporto Internacional de Viracopos.

Helene (2015) explicita que o diferencial do Jardim Itatinga, em relação a outros bairros das grandes cidades associados à prostituição, é o fato de que o local foi criado oficialmente para essa finalidade, sendo hoje o maior bairro de prostituição da América Latina. De acordo com a pesquisadora, no Brasil, não existem outros bairros planejados ao mesmo fim. No mundo todo, também são poucas as experiências nesse sentido, entre elas o bairro Quartier Reservé, em Casablanca, no Marrocos.

Tanto Jeolas (2009) quanto Helene (2015) expõem que o confinamento da prostituição em uma área, então afastada do restante da cidade, foi baseado em conceitos morais e numa divisão entre dois papéis sociais femininos, que não poderiam conviver: a “santa” e a “puta”, nos dizeres de Helene, ou, como prefere Jeolas, para distanciar a prostituição das “famílias” e dos “bons costumes”.

À época da constituição, a Prefeitura realizou, com apoio da Polícia, um processo de perseguição às mulheres em situação de prostituição⁴ e aos estabelecimentos que tinham essa finalidade para que se mudassem para o novo espaço. Além de se tratar do período do autoritarismo característico da ditadura, Campinas passava por uma onda de industrialização e crescimento urbano.

De acordo com dados do Centro de Saúde do bairro, trabalham hoje no Itatinga cerca de 2 mil profissionais do sexo (incluídas aí cerca de 10% de travestis), nas ruas ou em aproximadamente 200 casas de prostituição. A partir da década de 1970, o Itatinga começou também a receber moradores atraídos pelos baixos preços de imóveis e a prostituição passou a dividir espaço com as chamadas “casas de família”, assim identificadas por placas colocadas à frente das residências. Muitas dessas pessoas montaram pequenos comércios ou trabalham em serviços gerais nas casas de prostituição e boates, como seguranças, faxineiras e passadeiras.

Atualmente, a maioria das atividades comerciais está relacionada à beleza (como salões de cabeleireiro e academias), não existindo, em oposição à maioria dos bairros da cidade, farmácias, mercearias ou mercados. Também não há no bairro nenhuma escola ou templo religioso, de qualquer denominação. Nesse sentido, também o Cepromm

⁴ Preferimos a denominação “mulher em situação de prostituição” a outras, como prostituta, por entender que a situação pode ser transitória. Esse é parte do trabalho da PMM.

exerce um papel ainda mais central, uma vez que se trata do único local voltado a atividades educativas e de espiritualidade.

As características do Itatinga acabaram por evidenciar ainda mais o estigma sobre a prostituição, exercendo o que Bourdieu (1998) nomeia de violência simbólica, isto é, aquela que se estabelece “por meio de um ato de cognição e de mau reconhecimento que fica além – ou aquém – do controle da consciência e da vontade, nas trevas dos esquemas de *habitus* que são ao mesmo tempo gerados e generantes” (p. 22-23). Evidentemente, como provam relatos de mulheres e adolescentes atendidos pelo Cepromm, a violência simbólica, muitas vezes, vem acompanhada de outras expressões, como a agressão física. A violência simbólica também é exercida por meio da mídia, o que se evidencia quando são analisadas reportagens sobre o bairro, quase sempre o associando à curiosidade e ao bizarro (ORMANEZE, 2016).

Pelas diversas características expostas, não só é possível definir o Jardim Itatinga como uma comunidade, usando para isso o conceito de Palácios (1990), ou seja, “forma de relação caracterizada por situações de vida, objetivos, problemas e interesses em comum de um grupo de pessoas, seja qual for a dimensão (...) e independente de sua dispersão ou proximidade geográfica” (p. 107), como também observar ali atributos que justifiquem a criação de projetos de comunicação. As primeiras iniciativas, nesse sentido, surgiram apenas cerca de 30 anos após a criação do bairro, como descrito a seguir.

3. A atuação da PMM e as primeiras iniciativas de comunicação

O trabalho de comunicação realizado no Jardim Itatinga a partir dos anos 1990 envolve atores diretamente ligados à Igreja Católica, primeiro em razão da atuação da PMM e, depois, de projetos desenvolvidos em parceria com a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), sobretudo com a Faculdade de Jornalismo.

Em relação à PMM, convém uma contextualização de seus princípios e história⁵. O trabalho dessa pastoral, reconhecida nacionalmente pela Confederação dos Bispos do Brasil (CNBB) desde 1987, teve origem com o trabalho de Dom Antônio Fragoço (1920-2006), bispo de Crateús (CE), que, em 1960, era bispo-auxiliar em São Luís (MA). O religioso viajou a Paris, na França, e entrou em contato com o trabalho desenvolvido por padres que atuavam em projetos sociais com mulheres em situação de prostituição, no sentido de oferecer a elas novas perspectivas. A experiência foi trazida para o Brasil por meio de três missionárias leigas, Edit Benoist, Tania Micherda e Geneviève Noël, que iniciaram ações semelhantes em cidades maranhenses. Em 1974, foi organizado pela Igreja, no âmbito da Teologia da Libertação, o 1º Encontro de Prostitutas e Agentes do País, responsável pela criação da Pastoral da Mulher Só e Desamparada, posteriormente PMM. Atualmente, as ações estão nas cinco regiões do Brasil, em 46 cidades de 13 estados.

Em Campinas, a PMM está ligada à Congregação do Bom Pastor. A história começa em 1976, quando religiosas foram convidadas pelo padre Haroldo Rahm⁶, já à época uma liderança no trabalho social, para trabalhar na cidade. As irmãs Maria Lourdes Vicari e Ana Maria Rocha Bastos, que já tinham experiência com mulheres encarceradas, organizaram a PMM e foi fundada a Casa Esperança, para acolher mulheres do Itatinga. No primeiro ano, as atividades consistiram, segundo Fuser e Ramos (2000), em um estudo sobre como funcionava a zona de prostituição. A princípio, foram montados grupos de alfabetização, corte e costura, bordado e datilografia.

Em 1981, iniciou-se um trabalho de prevenção ao uso de drogas e à exploração sexual de crianças e adolescentes. As irmãs mobilizaram a comunidade a ter uma sede para as ações. Solicitaram ajuda aos padres capuchinhos para a construção de um espaço de

⁵ Para o breve histórico aqui apresentado, foram consultados arquivos do Cepromm e o site institucional da PMM no Brasil, disponível em: http://www.pmm.org.br/?page_id=47. Acesso em: 10 jul. 2017.

⁶ Sacerdote jesuíta estadunidense, nascido em 1919. Está no Brasil desde 1965, tendo sido naturalizado em 1985. Como trabalho social, dedica-se ao atendimento e auxílio a pessoas em situação de dependência química. Disponível em: http://www.padreharoldo.org.br/?navega=paginas&id_pag=25&menu=3. Acesso em: 10 jul. 2017.

acolhimento e trabalho com as mulheres prostituídas, em um terreno doado, onde hoje funciona um bazar com o objetivo de arrecadar verbas para o Cepromm⁷.

A ONG, como figura jurídica e com estatuto, surgiu em 1993 para fortalecer a ação da PMM e, até 2015, o siglema era a representação de “Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada”. A ressignificação para o formato atual se deu em função de que, nos últimos anos, o trabalho voltou-se ao atendimento de crianças e adolescentes. Em 2003, foi inaugurado o atual prédio da instituição. São atendidos na entidade 220 crianças e adolescentes, em atividades educativas e inclusivas, no contraturno escolar. Além disso, como fruto de ação ligada à PMM, a perspectiva é também denunciar as causas da prostituição (machismo, dupla moral, analfabetismo etc.), buscando a libertação pessoal, eclesial e social (SERVIÇO À MULHER MARGINALIZADA, s/d).

4. Passos e diálogos entre a comunicação eclesial e a comunitária

As iniciativas da PMM e, por consequência do Cepromm, estão, do ponto de vista religioso, ligadas ao que Libânio (1999) define como um cenário de uma igreja da práxis libertadora, em que “as estruturas paroquiais pesadas serão substituídas pelas ágeis comunidades de base. Situar-se-á mais decididamente ao lado dos oprimidos, auscultando-lhes os anseios de libertação e alimentando-lhe a fé nesse processo” (p. 91). Fasano (2011) lembra que, à medida em que a Igreja Católica incorpora esse cenário, no contexto da Teologia da Libertação, a partir dos anos 1960, principalmente na América Latina, ela passa também a exercer importante papel na definição do que seja “comunidade”. Nesse sentido, passa a existir convivência e diálogo entre as propostas eclesial e comunitária de comunicação. Esse encontro profícuo se justifica, pois “o processo comunicativo é mais amplo do que as formulações doutrinárias ou normas morais” (MIRANDA, 2011, p. 162). À medida em que a Teologia da Libertação ganha corpo e passa a ser motor de uma ação transformadora, percebe-se um movimento que é também social e, portanto, está relacionado à identidade, ponto nodal em que a proposta

⁷ Os dados históricos sobre o Cepromm foram obtidos por meio de entrevistas com as religiosas fundadoras e em informações disponíveis em: <https://www.cepromm.com.br/historia>. Acesso em: 10 jul. 2017.

eclesial de comunicação pode se esbarrar na comunitária, à medida que essa, por definição, é “resultado de um processo, realizando-se na própria dinâmica dos movimentos populares, de acordo com as suas necessidades” (PERUZZO, 1998, p. 115).

Assim sendo, uma das características essenciais da comunicação comunitária, maximizada na relação com a eclesial de cunho libertador, é a participação dos sujeitos da comunidade. Nesse sentido, Pessinatti afirma que a Teologia da Libertação “dá o suporte para as práticas de uma comunicação participativa e dialógica” (1998, p. 312). Já Souza (2008) associa essa atuação à constituição de alternativas: “A [grande] mídia não abrirá espaços aos grupos menores, vinculados às classes sociais subalternas. Assim, a saída é investir em meios alternativos (...). Esse cenário favorece uma comunicação eclesial de vertente alternativa, popular ou comunitária⁸” (p. 206).

Já na década de 1980, em análise de boletins católicos, o professor Ismar de Oliveira Soares⁹, reforçava essa relação entre comunicação comunitária, também de caráter bastante popular, e uma ação eclesial. De acordo com ele, à época, os boletins diocesanos católicos constituíam-se também, em alguns casos, como instrumentos de defesa dos marginalizados, mas isso era uma exclusividade daqueles locais em que os bispos assumiam diretrizes da Teologia da Libertação. Uma contribuição essencial dada pelo diálogo entre o eclesial e o comunitário a partir dos anos 1980 é o fato de que a comunicação pode se transformar num processo horizontal, nos casos em que os princípios são, de fato, seguidos.

5. Entre a horizontalidade e a verticalidade: notas de uma história da comunicação no Jardim Itatinga

⁸ Sobre os aspectos relacionados às diferentes vertentes da comunicação comunitária e ao próprio conceito de “popular”, consultar, entre outros, Peruzzo (1998).

⁹ Atualmente, professor da Universidade de São Paulo (USP). Foi um dos introdutores do conceito e da área de Educomunicação no Brasil. Na década de 1970, presidiu a União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC), que, entre outras atividades, promoveu diversos cursos e oficinas de leitura crítica da mídia.

No caso específico da comunicação na PMM de Campinas e, por consequência no Cepromm e no Itatinga, o processo é bastante oscilante entre a horizontalidade e a verticalidade, sobretudo quando se analisa a retrospectiva histórica construída a seguir, a partir de pesquisa bibliográfica e informações colhidas com as irmãs Maria Lourdes e Ana Maria. Essa oscilação se dá, sobretudo, em função de que a quase totalidade das iniciativas de comunicação no bairro foi desenvolvida a partir de parcerias com a Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas, o que engloba não só os interesses de apoio à comunidade, mas também a formação profissional.

A primeira das iniciativas foi a criação de um jornal-mural, denominado *O Itatinga*, em 1992, elaborado por um grupo de alunos do referido curso, como atividade na disciplina de Jornalismo Sindical e Comunitário, ministrada pelo professor Bruno Fuser. Esse docente teve importância fundamental no estabelecimento de veículos de comunicação no bairro e na relação que se estabeleceu entre a PMM e um gesto comunitário de comunicação. Depois das poucas edições, em 1996 novamente com supervisão do professor e como atividade na mesma disciplina, outra equipe assumiu, em conjunto com a PMM, o boletim impresso *Cinta Liga*. Na produção, há o diálogo com a comunidade, que assume papel ativo. Isso porque duas lideranças do bairro, Bethânia Santos e Denise Martins¹⁰, que se autodefinem como “trabalhadoras do sexo”, tornam-se as supervisoras do jornal, ao lado das irmãs da PMM.

A produção desse veículo é, até hoje, a experiência comunicativa mais duradoura na comunidade, continuando por seis anos, embora com a periodicidade mensal nem sempre respeitada. Além dos alunos, também foram envolvidos bolsistas de Iniciação Científica, sempre sob a coordenação de Fuser. Em trabalho de análise dos resultados, Fuser e Ramos relatam a posição da PMM sobre o boletim:

O trabalho da Pastoral consiste em conscientizar as mulheres de seus direitos, de sua dignidade, tendo uma preocupação com a saúde e exploração dos cafetões e cafetinas existentes no local. Para conquistar esses objetivos, [as religiosas] acreditam que o boletim é um instrumento de muita valia. (FUSER; RAMOS, 2000, p. 172)

¹⁰Apenas a título de demonstração de um trabalho inclusivo e de respeito à diversidade, convém a informação de que Denise é uma travesti que, desde a década de 1990, está à frente de movimentos de militância LGBTTT.

Na maioria do tempo em que existiu, o boletim era publicado com oito páginas e chegou a ter um anunciante, o posto de gasolina do bairro. Evidentemente, pela diversidade de vozes – PMM, mulheres e travestis em situação de prostituição, estudantes etc. –, em alguns momentos, havia divergência de interesses, o que, não necessariamente, constituía-se um problema, mas demonstra a possibilidade do debate e do diálogo que tornava o produto, se não completamente, pelo menos mais horizontalizado:

Há uma tendência por parte de Denise de não considerar as sugestões dos alunos; desse modo, em muitas situações os alunos foram inibidos de colocar reportagens que acreditavam ser convenientes. Exemplo é o que ocorreu na reunião de pauta do dia 24 de março de 2000, quando um aluno, sabendo que a modelo Roberta Close fora a uma boate do bairro e causara muito interesse entre as moradoras, sugeriu produzir uma reportagem sobre o assunto. Denise não permitiu, houve discussões, porém ficou determinado que não seria adequado esse tipo de matéria no boletim, pois não estava dentro dos objetivos, das características editoriais da produção jornalística da Pastoral. (FUSER; RAMOS, 2000, p. 172).

Nas edições, conviviam assuntos como saúde, direitos das mulheres e temáticas religiosas, como o Mês da Bíblia (setembro). Uma página, em geral, era dedicada às atividades do Centro Comunitário e outra ao Centro de Saúde. Temas como prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) tinham destaque.

Diante dessas características, compreendemos que o trabalho da PMM é bastante revelador do que pode ser a atuação de uma pastoral que atua com sujeitos marginalizados e de como a comunicação pode ser um auxílio nas demandas, já que, constantemente, naquela época e ainda hoje, as irmãs destacam que o objetivo da pastoral não é, necessariamente, o de retirar mulheres da situação de prostituição, uma vez que a instituição não teria condições de (re)colocá-las no mercado de trabalho. No entanto, há um trabalho de conscientização e de empoderamento. A presença constante de Bethânia e Denise garantiam a aproximação e a identificação com as temáticas de interesse do público alvo. Para os alunos, além do aprendizado, havia a possibilidade de contribuição com técnicas profissionais de comunicação, o que facilita a adequação da linguagem, a inserção de critérios noticiosos e a valorização estético-gráfica:

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

Os assuntos pelos quais as mulheres mais se interessam são as reportagens de depoimentos do cotidiano de outras prostitutas, assuntos com os quais elas se identificam, como os exemplos das mulheres do bairro falando sobre ser mãe e, na última edição, a carta da filha para a mãe prostituta. Gostam de ler também a página de saúde, que fala sobre o posto de saúde, as atividades ali desenvolvidas. Enfim, constata-se que há interesse por um jornal voltado para o cotidiano das moradoras do bairro e não integralmente sobre questões claramente destinadas à conscientização das mulheres do Itatinga. (FUSER; RAMOS, 2000, p. 174)

A partir de 2001, com a saída gradual das atividades da disciplina ligadas ao boletim¹¹, ele passou a se chamar *O Itatinga*, retomando o título do primeiro jornal-mural. Mesmo com a interrupção do trabalho desenvolvido pelos universitários, o veículo continuou a ser produzido, sob a supervisão de Denise. No entanto, foi extinto em 2002, por falta de patrocínio e de pessoas dispostas a continuá-lo.

A relação entre a universidade e a comunicação no bairro, no entanto, não se encerrou, uma vez que há uma constante escolha de temas ligados ao Jardim Itatinga pelos alunos para o desenvolvimento de trabalhos e atividades. Apesar disso, consideramos o período do *Cinta Liga* como o mais promissor em termos de comunicação e da emergência de um discurso comunitário e alternativo em relação às grandes mídias que, como já dito, relegam ao local espaços de informação que só se justificam por critérios e temáticas como a curiosidade, a criminalidade e o insólito.

Após a extinção do boletim, um dos trabalhos mais relevantes desenvolvidos por alunos da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas no Itatinga foi o livro-reportagem “Zona dos Prazeres” (2003), escrito por Karolina Bahia, Larissa Luizari e Nara Faria, como projeto experimental/trabalho de conclusão de curso. O livro, orientado pelo professor Luiz Saviani Rey, tenta reconstruir a história do bairro. Embora não tenha sido publicado, trata-se de um dos poucos relatos sobre o desenvolvimento do Itatinga. Configura-se ainda como um trabalho essencial em termos de registro, pois, até então, nada tinha sido documentado. “Não há informações na Prefeitura, Biblioteca da Câmara

¹¹ Esse fato se deve a vários motivos, entre eles a mudança na grade curricular do curso, a semestralização das disciplinas e a mudança do professor Bruno Fuser para outra universidade, além das modificações das políticas de pesquisa e extensão na PUC-Campinas.

Municipal, em livros ou nos arquivos do Lardo do Café, cuja falta de organização não nos permitiu encontrar” (BAHIA; LUIZARI; FARIA, 2009)¹². Em 2009, as autoras decidiram criar um blog em que divulgam o livro, parte dos capítulos e os bastidores das experiências. As três jornalistas relatam, inclusive, que as freiras da PMM solicitaram que elas retomassem a produção do *Cinta Liga*, mas não tiveram como atender.

Nos últimos dez anos, também não foram poucas as reportagens em vídeo, sites e materiais impressos produzidos por alunos – embora de modo verticalizado – “sobre” o bairro e “para” o bairro, em disciplinas do curso.

6. O presente: o projeto Estigma/Estima

A partir de 2008, a comunicação no Jardim Itatinga ganha um apêndice institucional, com a criação do site do Cepromm (www.cepromm.com.br), depois complementado com *fanpage* (https://www.facebook.com/cepromm.org/?ref=br_rs). No entanto, esses veículos, apesar de informações históricas e gerais sobre a PMM, não têm uma dimensão comunitária ou eclesial e não estão voltados às pessoas em situação de prostituição.

Todavia, outra parceria com a PUC-Campinas está possibilitando uma retomada das atividades de comunicação comunitária no bairro, mas com proposta distinta, realizada por outro público, os adolescentes atendidos pelo Cepromm, em alguns casos, filhos de mulheres em situação de prostituição e moradores do entorno. No biênio 2016/2017, está sendo desenvolvido, sob a coordenação do autor deste artigo, o projeto de extensão universitária “Estigma/Estima: comunicação audiovisual, identidade e participação social de adolescentes”. A proposta é a produção de um webdocumentário, além de canais de interatividade e divulgação, como site, canal no *YouTube* e *fanpage*, em que os adolescentes, após processo de discussão e aprendizagem de técnicas de comunicação, possam produzir e veicular materiais sobre suas demandas e questionamentos.

¹² Disponível em: <http://zonadeprazeres.blogspot.com.br/>. Acesso em: 31 jul. 2017.

No momento da escrita deste texto (julho de 2017), o projeto está entrando em fase final. Após uma série de oficinas e encontros para atividades de leitura crítica da mídia, os adolescentes estão envolvidos na captação de imagens e no roteiro. Os 25 adolescentes (de 14 a 16 anos), de ambos os sexos, participam voluntariamente.

Além do produto principal, a decisão de criar uma *fanpage*, um canal no *YouTube* e um site¹³ são iniciativas que ajudam a divulgar as atividades realizadas, além de poder se transformar, ao final do biênio, em meios nos quais os adolescentes podem continuar produzindo, favorecendo a autonomia e a horizontalidade pretendidas em projetos de extensão universitária na PUC-Campinas e na comunicação de cunho comunitário.

O tema central do webdocumentário e as postagens já produzidas nesses veículos, até o momento, giram em torno da questão da identidade, do preconceito que sofrem por viver no bairro e nas perspectivas de vida, destacando-se, nessa direção, a série de vídeos publicada na *fanpage* com o título “Como é ser jovem no Jardim Itatinga?”

7. Considerações Finais

Como se pode perceber, a prática comunicativa no Jardim Itatinga mantém uma forte relação com a comunicação eclesial e com projetos universitários. É interessante notar, no entanto, que o desenvolvimento da tecnologia, o barateamento das formas produtivas e a possibilidade de compartilhamento via internet fizeram também com que passassem a existir no bairro iniciativas autônomas de comunicação, que mantêm relação com o comunitário, com o popular, mas numa dimensão não ligada ao religioso. Tal fato deve-se ainda a uma militância pelos direitos das mulheres e travestis em situação de prostituição que começou a se desenvolver na primeira década do século 21, quando surge, em 2007, por exemplo, a Associação Mulheres Guerreiras, sob a coordenação de Bethânia. O fato não só gerará materiais comunicativos comunitários, como folhetos e

¹³ Site, canal no *YouTube* e *fanpage* já estão em funcionamento e com atualizações frequentes. Podem ser acessados em:

<http://estigmaestima.wixsite.com/projeto>;

https://www.youtube.com/channel/UCXDzFaCtufqEEDZz_dUQGcw

<https://www.facebook.com/estigmaxestima/>.

boletins, como também uma série de divulgações, principalmente, em veículos de comunicação alternativa¹⁴.

Denise continua na militância, apoderada das possibilidades de comunicação. Como coordenadora de transexuais e travestis do Grupo Identidade de Campinas, ela dirigiu, em 2008, ao lado do cineasta e curador Carlos Tavares, o documentário “Se me deixam sonhar...” (42 minutos), que conta a trajetória de travestis e transexuais na cidade entre 1980 e 2007. O filme foi exibido em vários eventos ligados à causa da diversidade sexual.

Essa breve reconstrução histórica das iniciativas de comunicação no Jardim Itatinga está, evidentemente, como todo relato, sujeita a lacunas e falhas, sobretudo porque, ao trabalhar com uma população marginalizada, os recursos, a formalização e a documentação são, comumente, deficitários. Por outro lado, a retrospectiva que aqui fizemos mostra a diversidade de vozes que podem existir favorecendo uma comunidade. No caso específico do Jardim Itatinga, o diálogo entre as práticas comunitárias e eclesiais, por exemplo, ao lado das iniciativas de parceria com a PUC-Campinas, certamente, contribuíram e continuam contribuindo para a percepção sobre a importância dos meios de comunicação e para o ensejo de sua utilização, seja em função de uma militância ou, simplesmente, para demonstração de necessidades para as quais, em razão de toda a marginalização e os preconceitos, poucos são os olhares dirigidos.

O desafio, certamente, é a manutenção de uma prática comunicativa, seja ela eclesial ou comunitária (ou ainda ambas, em diálogo). As iniciativas aqui registradas tiveram períodos curtos de duração, sujeitas também a interrupções e pausas, como, em geral, são projetos que dependem de parcerias ou voluntários. No caso específico de comunidades marginalizadas, há de se considerar como outro desafio o patrocínio para tais produções, muitas vezes o principal impedimento. Em tempos de comunicação digital, os entraves que se colocam dizem respeito ainda à circulação dos materiais

¹⁴ Um exemplo é reportagem publicada pelo portal *Vice*, disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/d7g5nx/como-uma-das-maiores-zonas-de-prostituicao-do-brasil-esta-ajudando-a-discutir-os-direitos-das-profissionais-do-sexo. Há ainda uma produção internacional, disponível em: <http://www.nswp.org/featured-member/associa%C3%A7%C3%A3o-mulheres-guerreiras-warrior-women-association>. Acessos em: 31 jul. 2017.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

produzidos, de modo a quebrar as limitações da chamada bolha informativa, pela qual os internautas ficam circunscritos a interesses particulares. Em geral, isso funciona para uma prática comunitária e eclesial, mas é um desafio para a construção de um contradiscurso, que se apresente como alternativo, com a pressuposta ampliação de público.

REFERÊNCIAS

BAHIA, Karolina; LUIZARI, Larissa; FARIA, Nádia. **Zona dos prazeres**. (Trabalho de Conclusão de Curso/Livro-reportagem). Faculdade de Jornalismo. Campinas: PUC-Campinas, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Conferência do Prêmio Goffman: a dominação masculina revisitada. In: LINS, D. (Org.). **A dominação masculina revisitada**. Campinas: Papirus, 1998, p. 11-27.

FASANO, Patrícia. **Mudança de estilo**: etnografia sobre comunicação comunitária, cultura popular, rádio, participação, igreja católica e política num bairro da Argentina. Tese (Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Disponível em: <http://ppgjor.posgrad.ufsc.br/files/2014/07/TESE-FASANO.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2017.

FUSER, Bruno; RAMOS, Juliana Aparecida. O boletim da Pastoral na zona de Campinas. **Informação e Comunicação**. Goiania: UFG, v. 3, n. 2, jul-set. 2000, p. 160-177. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/22871>. Acesso em: 12 jun. 2017.

HELENE, Diana. **Jardim Itatinga e a segregação urbana da prostituição em Campinas**. Tese (Doutorado). Departamento de Planejamento Urbano e Regional. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

JEOLAS, Luis Carlos Sollberger. **Vendo (o) corpo, vendo (a) imagem: a autorrepresentação fotográfica de mulheres e travestis profissionais do sexo do Jardim Itatinga, Campinas**. Dissertação (Mestrado). Instituto de Artes, Unicamp, 2009.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

LIBÂNIO, João Batista. **Cenários de igreja**. São Paulo: Loyola, 1999.

MIRANDA, Mario de França. **Igreja e sociedade**. São Paulo: Paulinas, 2011.

ORMANEZE, Fabiano. “Que zona é essa que a TV mostra?” Resultado da leitura do discurso midiático em projeto de extensão. **Anais do XII Ciclo de Pesquisa em Ensino de Jornalismo**. Goiânia: Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ), 2016.

PALACIOS, Marcos. Sete teses equivocadas sobre comunidade e comunicação comunitária. **Comunicação e Política**. n. 11, São Paulo: CBELA, 1990.

PASTORAL DA MULHER MARGINALIZADA. **Histórico**. São Paulo, 2015. Disponível em: http://www.pmm.org.br/?page_id=47. Acesso em: 04 jul. 2017.

PERUZZO, Círcia Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1998.

PESSINATTI, Nivaldo Luiz. **Políticas de comunicação na Igreja Católica no Brasil**. São Paulo: Unisal/ Petrópolis: Vozes, 1998.

SERVIÇO À MULHER MARGINALIZADA. **Pastoral da Mulher Marginalizada**. São Paulo, s/d. (cópia impressa do Cepromm).

SOARES, Ismar de Oliveira. **Do Santo Ofício à Libertação**. São Paulo: Edições Paulinas, 1988.

SOUZA, Lindolfo Alexandre. Um olhar sobre a comunicação católica: a pluralidade teológico-pastoral e os diferentes projetos de comunicação. In: CARNICEL, Amarildo; FANTINATTI,

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

Márcia (orgs.). **Comunicação e cidadania:** possibilidades e interpretações. Campinas: CMU/Unicamp, 2008, p. 195-209.